

JAMES BURNHAM

O SUICÍDIO DO OCIDENTE

UM ENSAIO SOBRE O SIGNIFICADO
E O DESTINO DO ESQUERDISMO



O suicídio do Ocidente: um ensaio sobre o significado e o destino do esquerdismo

James Burnham

1ª edição — outubro de 2020 — CEDET

Título original: *Suicide of the West: An Essay on the Meaning and Destiny of Liberalism*.

New York: Encounter Books, 2014.

Copyright © 2019 by James B. Burnham.

Os direitos desta edição pertencem ao

CEDET — Centro de Desenvolvimento Profissional e Tecnológico

Rua Armando Strazzacappa, 490

CEP: 13087-605 — Campinas, SP

Telefone: (19) 3249-0580

E-mail: livros@cedet.com.br

Editor:

Thomaz Perroni

Editor assistente:

Ulisses Trevisan Palhavan

Tradução:

Bruno Alexander

Revisão:

Ronald Robson

Jefferson Bombachim

Preparação de texto:

João Mallet

Capa:

Vicente Pessôa

Diagramação:

Thatyane Furtado

Conselho Editorial:

Adelice Godoy

César Kyn d'Ávila

Silvio Grimaldo de Camargo

FICHA CATALOGráfICA

Burnham, James.

O suicídio do Ocidente: um ensaio sobre o significado e o destino do esquerdismo /

James Burnham; tradução de Bruno Alexander — Campinas, SP: Vide Editorial, 2020.

ISBN: 978-65-87138-12-1

Título original: *Suicide of the West: An Essay on the Meaning and Destiny of Liberalism*.

1. Ideologias políticas. 2. Liberalismo. 3. Estados Unidos — Política e governo.

I. Título II. Autor

CDD — 320.5 / 320.51 / 379.73

ÍNDICE PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO

1. Ideologias políticas — 320.5

2. Liberalismo — 320.51

3. Estados Unidos — Política e governo — 379.73

VIDE Editorial — www.videeditorial.com.br

Reservados todos os direitos desta obra. Proibida toda e qualquer reprodução desta edição por qualquer meio ou forma, seja ela eletrônica, mecânica, fotocópia, gravação ou qualquer outro meio de reprodução, sem permissão expressa do editor.

Sumário

Prefácio	9
Introdução	13
Prólogo	31
CAPÍTULO I	
A contração do Ocidente.....	33
CAPÍTULO II	
Quem são os esquerdistas?	47
CAPÍTULO III	
A natureza humana e a sociedade justa	65
CAPÍTULO IV	
O diálogo universal.....	83
CAPÍTULO V	
Igualdade e bem-estar.....	95
CAPÍTULO VI	
Pensamento ideológico	117
CAPÍTULO VII	
Uma observação fundamental, feita de passagem	143
CAPÍTULO VIII	
Os esquerdistas realmente acreditam no esquerdismo?.....	163
CAPÍTULO IX	
A ordem de valores do esquerdista	179
CAPÍTULO X	
A culpa do esquerdista	209

CAPÍTULO XI	
<i>Pas d'ennemi à gauche</i>	227
CAPÍTULO XII	
A dialética do esquerdismo.....	243
CAPÍTULO XIII	
Novamente: quem são os esquerdistas?	261
CAPÍTULO XIV	
A deriva da política externa dos EUA	275
CAPÍTULO XV	
Esquerdismo <i>vs.</i> realidade	303
CAPÍTULO XVI	
A função do esquerdismo	323
Índice	333

CAPÍTULO III

A natureza humana e a sociedade justa

I

Entre os elementos de uma síndrome ideológica, existem sentimentos, atitudes, hábitos e valores, além de idéias e teorias. Meu foco neste e nos dois capítulos seguintes serão as idéias e teorias da síndrome progressista: os sentidos “cognitivos” do progressismo que podem ser declarados na forma de proposições aceitas pela ideologia esquerdista como *verdadeiras*. A distinção sugerida aqui entre sentidos cognitivos e sentidos afetivos ou emocionais é muito menos clara no conteúdo do que na forma, e será necessário voltar ao assunto posteriormente, mas fornece uma estrutura conveniente para a exposição.

Meu objetivo aqui, então, é apresentar o progressismo moderno como um conjunto mais ou menos sistemático de idéias, teorias e crenças sobre a sociedade.¹ Antes de prosseguir, gostaria de fazer um comentário preambular sobre a ascendência intelectual do progressismo.

O progressismo moderno, como é sabido, é uma doutrina sintética ou eclética, com uma árvore genealógica bastante complexa.

1 No capítulo VIII, verificaremos se o sistema de idéias que então já terei explicitado “é realmente” o esquerdismo, se os esquerdistas acreditam no esquerdismo. Enquanto isso, observo que meu objetivo nestes três capítulos não é de forma alguma distorcer, alterar, difamar, caricaturar ou refutar o esquerdismo como um sistema de idéias, mas apenas entendê-lo e descrevê-lo.

Sem tentar remetê-lo ao início do processo de pensamento, podemos localizar um indiscutível antepassado no racionalismo do século XVII. O Professor Michael Oakeshott, sucessor de Harold Laski na cátedra de ciência política da Universidade de Londres, usa o termo “racionalismo” como o gênero do qual o esquerdismo e o comunismo são as espécies contemporâneas mais importantes. Em *Rationalism in Politics*, ele chama Francis Bacon e René Descartes de “figuras dominantes” em sua história inicial.²

As linhas que remontam ao século XVIII são mais completas e diretas, conduzindo ao Iluminismo em geral, a Voltaire, a Condorcet³ e os co-autores do conceito de progresso, ao jacobinismo. Do utilitarismo e da doutrina mais antiga chamada de “progressismo” no século XIX, como ainda é em partes da Europa, o progressismo moderno adotou parte de sua teoria da democracia, sua ênfase crítica na liberdade de expressão e opinião e algumas idéias sobre a autodeterminação de nações e povos. Genes da tradição utópica (tanto do tipo iluminista de utopia quanto do pré-socialismo utópico, como o de Saint-Simon, Fourier e Robert Owen) são parte manifesta da herança.

Uma linhagem um pouco diferente entrou na família mais recentemente; alguns descendentes espirituais de Karl Marx, particularmente primos da vertente revisionista paralela, como Eduard Bernstein, Karl Kautsky, Jean Jaurès e os fabianos britânicos; William James, John Dewey e outros da vertente pragmatista e utilitária americana; e o economista mais influente do século XX, John Maynard Keynes.

Embora seja um grupo grande e aparentemente misto, o vínculo entre os elementos dessa linhagem não é tão arbitrário como poderia parecer à primeira vista. Esses antepassados têm certas características em comum na postura histórica, assim como em relação à sua doutrina teórica, fato que, conforme veremos mais adiante, ajuda a resolver um paradoxo no modo de funcionamento do progressismo moderno na prática.

2 Michael Oakeshott, *Rationalism in Politics*. Nova York: Basic Books, 1962, p. 14.

3 O Professor Charles Frankel, em *The Case for Modern Man*, Nova York: Harper & Bros., 1956, p. 7, cita Voltaire, Condorcet e John Stuart Mill como “os grandes nomes” ligados à filosofia da história por trás das idéias progressistas.

Tendo nomeado essas múltiplas raízes, pode parecer que estou dizendo que a fonte intelectual do progressismo é todo o corpo do pensamento pós-renascentista. É bastante natural que seja essa a impressão. Nosso progressismo moderno é, na verdade, o representante contemporâneo, o principal herdeiro da principal linha (ou linhas) de pensamento pós-renascentista, a linha que tem o direito de se considerar mais “moderna” e mais influente, moldando o mundo pós-renascentista e sendo moldada por ele.

Ainda assim, essa linhagem principal não é a única, mesmo que as demais sejam menos significativas. De seus indubitáveis e reconhecidos antepassados, o progressismo herdou apenas uma parte dos bens; uma parte, e em alguns casos uma parte importante da totalidade, passivos e ativos, teve outra destinação. Se o progressista moderno pode respaldar sua reivindicação da herança de Descartes, Diderot, Rousseau, Adam Smith, Locke, Bentham, Ricardo, John Stuart Mill, William James e Kautsky, fazendo-o por meio da apresentação de muitos escritos à corte, um discordante será capaz de apresentar um arquivo contrário substancial o suficiente para lançar sombra sobre pelo menos parte do espólio. Pode-se até argumentar, como se tem argumentado, que os progressistas de hoje mantêm seu domínio sobre alguns dos bens (aqueles que remontam, num exemplo óbvio, a John Stuart Mill ou John Locke) apenas pelo que os advogados chamariam de “usucapião”, com o respaldo de seu controle atual do cartório intelectual.

E, ainda com todas essas figuras proeminentes entre os ancestrais, diretos, indiretos e adotados, do progressismo moderno, nem todos os nomes foram mencionados, mesmo os da época pós-renascentista (sem mencionar dos séculos sombrios anteriores ao advento da ciência e da democracia, cuja presença nos registros familiares do progressismo são, de qualquer forma, borrados e pouco nítidos).

Toda a tradição da filosofia católica, especialmente sua vertente aristotélica principal, que afinal sobreviveu ao Renascimento, à Reforma e até a Isaac Newton, tem pouca ou nenhuma parte na linhagem do progressismo. Também não encontramos entre seus ancestrais Thomas Hobbes ou Thomas Hooker, Blaise Pascal, David Hume,

Edmund Burke, John Adams, Alexis de Tocqueville, Henry Maine, Jacob Burckhardt, Fustel de Coulanges ou Lord Acton. Nicolau Maquiavel e Michel de Montaigne tiveram apenas pequenos flertes, sem maiores conseqüências. E na maioria das vezes, embora ela exerça uma atração emocional sobre alguns intelectuais progressistas contemporâneos, o progressismo tem no sangue pouco da infusão sombria que flui das fontes irracionais do século XIX: de Søren Kierkegaard (de volta a Pascal, na verdade, com suas razões do coração, das quais a Razão nada sabe) ao homem subterrâneo de Dostoiévski e Friedrich Nietzsche.

Como uma maneira de pensar para os modernos, o progressismo está na frente, mas não está sozinho no campo.

II

Fechando esse parêntese, descreverei agora as idéias e crenças básicas que compõem a estrutura formal da síndrome ideológica do progressismo moderno.

1. O ponto de partida lógico para o esquerdismo, assim como para a maioria das outras ideologias, é uma crença sobre a natureza do homem. Nesse ponto, como em muitos outros, não é prudente tentar ser muito preciso na formulação. O esquerdismo não é uma doutrina exata e rígida, nem em sua função psicológica e social, nem em sua estrutura lógica. Suas crenças não são como teoremas na geometria ou em Spinoza, questões da filosofia escolástica ou teses de Hegel. Devemos entendê-las num sentido mais vago e flexível, com muitos modificadores, como “de modo geral” e “em algum nível”. Algumas das crenças do esquerdismo devem ser vistas como expressão de tendências ou premissas, em vez de tentativas de estabelecer leis ou hipóteses precisas. No entanto, mesmo vaga e imprecisa, uma crença pode ser significativa, diferente de outras crenças e extremamente importante do ponto de vista prático.

Feita essa ressalva, podemos afirmar que o esquerdismo acredita que a natureza do homem não é fixa, mas mutável, com um potencial ilimitado, ou pelo menos indefinidamente grande, para um desenvolvimento positivo (bom, favorável, progressivo). Isso pode ser contrastado com a crença tradicional, expressa nas doutrinas teológicas do Pecado Original e na existência real do demônio, de que a natureza humana tinha uma essência permanente e imutável e de que o homem é parcialmente corrupto e limitado em seu potencial. “O homem, de acordo com o progressismo, nasce ignorante, não perverso”, declara o Professor J. Salwyn Schapiro,⁴ escrevendo como um progressista sobre o progressismo.

A visão tradicional da natureza humana foi atacada indiretamente por Bacon, Descartes e até pelos pensadores renascentistas anteriores. No século XVIII, Rousseau, Condorcet, Diderot e outros filósofos franceses do Iluminismo fizeram um ataque frontal. Eles rejeitaram abertamente o dogma do Pecado Original e a teoria filosófica correspondente. Em seu entusiasmo retórico, ensinaram que o homem é naturalmente bom, não ruim ou corrupto, e sustentaram que as potencialidades do homem são ilimitadas: que o homem, em outras palavras, é perfeito no sentido de ser capaz de alcançar a perfeição.

Nisso e em muitas questões, o progressismo moderno coloca as questões de maneira mais cautelosa e vaga. Em essência, a natureza humana não é pura nem corrupta, nem boa nem má; e não é tão “perfeita” quanto “plástica”. Pode haver um limite, sem perfeição, ao que os homens são capazes de alcançar, em termos pessoais ou sociais, mas não podemos ver e definir esse limite com antecedência. Se existe um limite, ele é tão distante e tão além de qualquer coisa que o homem já tenha realizado que não tem relevância prática para nossos planos e programas.

A distinção decisiva é provavelmente a seguinte: o progressismo moderno, ao contrário da doutrina tradicional, sustenta que não há nada intrínseco à natureza do homem que torne impossível à sociedade humana alcançar os objetivos de paz, liberdade, justiça e bem-estar

4 J. Salwyn Schapiro, *Liberalism: Its Meaning and History*. Princeton: D. Van Nostrand, 1958, p. 12. Este pequeno livro é, até onde eu sei, a única tentativa de apresentar o progressismo moderno num compêndio mais ou menos sistemático.

que o esquerdismo assume ser desejável e define como “a sociedade justa”. O esquerdismo rejeita a visão essencialmente trágica do destino do homem encontrada em quase todo pensamento e literatura pré-renascentistas, cristãos e não-cristãos.

Existem indivíduos a quem ninguém hesitaria em chamar de “esquerdistas”, mas que parecem não acreditar nessa doutrina sobre a natureza humana que aqui atribuo ao esquerdismo. Especificamente, existem católicos romanos que se consideram esquerdistas e são considerados esquerdistas, mas que, como católicos, estão comprometidos com o dogma teológico do Pecado Original. E existem outros que, conhecidos como esquerdistas, sustentam visões freudianas ou similares na psicologia (Max Lerner parece ser um bom exemplo americano), mas é difícil conciliar o relato psicanalítico da natureza humana com a doutrina da plasticidade indefinidamente benigna do homem.

Essas aparentes anomalias serão tratadas mais detalhadamente no capítulo VIII. Aqui, apresento um breve comentário sobre elas.

(A) Embora seja verdade que alguns católicos e freudianos (ou pós-freudianos) devem ser considerados esquerdistas, geralmente há um pouco de desconforto, de ambos os lados, com essa questão. Em grande escala, os católicos são recrutas relativamente recentes do esquerdismo. A geração mais velha de esquerdistas, metida a intelectual, fica contente em receber contingentes tão impressionantes no campo da virtude, mas não sem alguma desconfiança; e isso se deve em parte ao sentimento de que há algo errado, do ponto de vista esquerdista, com a teoria católica sobre a natureza humana e o destino do homem. Esse sentimento é forte o suficiente para levar alguns progressistas, como Paul Blanshard e seu Comitê para a Separação da Igreja e do Estado, a se afastar completamente dos católicos. Quase todo esquerdista mantém seus dedos ideológicos cruzados ao observar um grupo como os jesuítas começando a parecer esquerdista, como os jesuítas americanos têm feito ultimamente nas páginas de sua principal revista, a *America*. Os esquerdistas mais sensatos não ficam surpresos, e seguros em sua própria fé, quando, depois de fazer comentários apropriados sobre reformas sociais e extremistas de direita, a *America*,

subitamente, passa para o outro lado, como em 1962, apresentando preconceitos reacionários ao falar sobre uma decisão da Suprema Corte que proíbe orações nas escolas públicas.

É digno de nota que a Americanos em Defesa da Ação Democrática, uma das principais congregações do fundamentalismo esquerdista, a princípio ficou bem insatisfeita com a perspectiva de nomeação do católico John F. Kennedy para a presidência, embora muitos membros da ADA logo fossem ocupar altos cargos no seu governo. Joseph L. Rauh Jr., fundador e líder da ADA, estimou que menos de 10% dos membros da ADA eram pró-Kennedy no início de 1960. Em setembro de 1959, um memorando de Allen Taylor, diretor regional da ADA em Nova York, registrou: “A religião é o elemento principal na dúvida dos esquerdistas sobre Kennedy”.⁵

Um freudiano também pode perturbar as águas esquerdistas. Max Lerner é, na prática, um dissidente na formação esquerdista, muito menos confiável do que, digamos, seu colega de equipe James Wechsler. De vez em quando, o Sr. Lerner se desvia do consenso esquerdista.

(B) Muitos indivíduos que professam acreditar na doutrina religiosa do Pecado Original, ou em teorias da natureza humana, como a de Freud, dão a seus pontos de vista uma interpretação modificada ou metafórica, de modo a atender aos requisitos da teoria e prática esquerdistas, assim como aqueles que acreditam na Bíblia foram capazes de reinterpretar sua compreensão do Gênesis para reconciliá-lo, pelo menos do ponto de vista psicológico, com a teoria da evolução. Esse processo é facilitado pelo fato de que as crenças gerais sobre a natureza humana não são exatas. Seu sentido pode ser mais o de expressar atitudes em relação à vida do que apresentar afirmações verificáveis.

(c) Não obstante, há muitos casos em que um determinado indivíduo está comprometido, em razão de sua religião ou de uma teoria psicológica ou biológica, com certa visão da natureza humana, e está comprometido, em razão de seu esquerdismo, com uma visão incompatível à anterior. Nesses casos, resta-nos observar que os seres humanos são assim mesmo, incoerentes em suas crenças e comprometidos

⁵ Clifton Brock, *Americans for Democratic Action*, Washington: Public Affairs Press, 1962, pp. 177, 185.

com muitas contradições. Para a maioria das pessoas, isso não é um problema. Elas geralmente nem percebem as contradições e, de qualquer forma, não levam muito a sério a exatidão lógica.

(D) Por mais variada que possa ser a combinação de crenças *psicologicamente* possível para um esquerdista, o *esquerdismo* está logicamente comprometido com uma doutrina dentro das linhas que tracei: vê a natureza humana como algo não-fixo, mas plástico e dinâmico, sem limite pré-definido para o desenvolvimento de seu potencial, sem obstáculos inatos à realização de uma sociedade de paz, liberdade, justiça e bem-estar. Se a natureza humana não for assim, a doutrina esquerdista e o programa de governo, educação, reforma etc. são absurdos. Essa necessidade lógica será abordada no capítulo VIII.

2. A ideologia esquerdista é racionalista. O Professor Oakeshott, como já mencionei, classifica o esquerdismo simplesmente como um caso especial do que pode ser chamado em geral de “racionalismo”. A razão, de acordo com o racionalismo, não é apenas o que distingue o homem, na definição lógica, de outras espécies, como afirmou Aristóteles (embora com outro sentido para “razão”). A razão é a essência do homem e, em sentido prático, sua principal ferramenta de controle. O esquerdismo está confiante de que a razão e a ciência racional, sem apelo à revelação, à fé, ao costume ou à intuição, são capazes de compreender o mundo e resolver seus problemas.

O esquerdista, enquanto racionalista, é assim descrito pelo Professor Oakeshott:

Ele defende [...] a independência da mente em todas as ocasiões, a liberdade de pensamento frente à obrigação de qualquer autoridade, exceto a autoridade da “razão”. Suas circunstâncias no mundo moderno o tornaram controverso: ele é o *inimigo* da autoridade, do preconceito, do meramente tradicional, costumeiro, habitual. Sua mentalidade é ao mesmo tempo cética e otimista: cética, porque não há opinião, hábito, crença, nada tão firmemente enraizado ou tão amplamente aceito que ele não questione e julgue pelo que chama de “razão”; otimista, porque o racionalista nunca duvida do poder de sua “razão” (quando aplicada corretamente) para determinar o valor de uma coisa, a verdade de uma opinião ou a propriedade de uma ação.⁶

6 Oakeshott, op. cit., pp. 1-2.

O racionalismo entra na definição da natureza humana, como explica o Professor Schapiro:

Em geral, os esquerdistas têm sido racionalistas [mantendo] a convicção de que o homem é essencialmente uma criatura racional. [...] O que é conhecido como racionalismo procura, usando a razão, sujeitar todos os assuntos, religiosos e não-religiosos, à investigação crítica. O racionalista busca seu esclarecimento na ciência. A razão [...] é sua bússola. Portanto, o que não passar no teste da razão não deve ser aceito.⁷

O Professor Sidney Hook resumiu todo o esquerdismo em três palavras, involuntariamente irônicas: “Fé na inteligência”.

3. Como não há nada de intrínseco à natureza humana que impeça a realização da sociedade justa, os obstáculos a ela devem ser, e são, extrínsecos ou externos. Os principais obstáculos são especificamente dois, como o esquerdismo os vê: a ignorância — um estado acidental e remediável, não intrínseco e essencial, do homem; e as más instituições sociais.

4. Dessas doutrinas da plasticidade e racionalidade humanas e do caráter externo e remediável dos obstáculos à sociedade justa, segue-se a crença no progresso: o que pode ser chamado de *otimismo histórico*.

A idéia de progresso teve sua expressão mais pura durante o Iluminismo do século XVIII, mas está presente de uma forma ou de outra, junto com um ou outro grau de otimismo histórico, ao longo da linhagem do progressismo, de Francis Bacon e René Descartes até o Senador Hubert Humphrey. Se a humanidade empregasse seu método, prometeu Bacon, seria capaz de “estender o poder e o domínio da própria raça humana sobre o universo”; desdenhando “a circunscrição injusta do poder humano e [...] um desespero deliberado e artificial”, a vida humana “será dotada de novas descobertas e poder”.⁸ Com o *seu* método, explicou Descartes, qualquer homem, usando somente a razão que lhe é natural como ser humano, pode descobrir

⁷ Schapiro, op. cit., p. 12.

⁸ *Novum Organum*, l. I, aforismos 129, 88, 81.

todas as verdades.⁹ O Marquês de Condorcet explica seu propósito com franqueza aristocrática:

O objetivo do livro que me comprometi a escrever é provar que o homem, com base na razão e nos fatos, alcançará a perfeição. [...] A natureza não estabeleceu limites para a perfeição das faculdades humanas. A perfectibilidade da humanidade é, na verdade, indefinida; e o progresso dessa perfectibilidade, doravante livre de todos os obstáculos, durará tanto quanto o mundo em que a natureza nos colocou.¹⁰

Ao assumir o comando da Revolução Francesa, o Clube dos Jacobinos anunciou “o reinado da Virtude e da Razão”, que não se limitaria à França, mas se espalharia pelo mundo inteiro; e Robespierre realmente coroou a Deusa da Razão na Catedral de Notre-Dame. (A jovem que atuou como o avatar da Deusa na ocasião acabou decepcionando seus adoradores ao se casar com um indivíduo bastante comum e tendo vários filhos). Robert Owen propôs uma convenção mundial capaz de “livrar a raça humana da ignorância, pobreza, desigualdade, pecado e miséria”. A British Fabian Society foi fundada em 1883 “para a reconstrução da sociedade de acordo com os mais altos princípios morais”.

Em nossos dias, a Americanos em Defesa da Ação Democrática mantém a tocha acesa. O Programa de 1962 apresenta a autodefinição da ADA:

Uma organização de progressistas, unida para trabalhar pela liberdade, justiça e paz. O progressismo, a nosso ver, é uma fé exigente [e] seus objetivos são claros: [não apenas] a realização do indivíduo livre numa sociedade justa e responsável [em casa, mas] num mundo em que todas as pessoas possam compartilhar a liberdade, a abundância e as oportunidades que estão ao alcance da humanidade, um mundo marcado pelo respeito mútuo e pela paz.

Há um duplo aspecto nesse otimismo histórico. A sociedade pacífica, justa, livre, virtuosa, próspera e assim por diante é, por um lado, a meta desejável para a humanidade. Mas, além disso, a sociedade justa deve ser o resultado real do desenvolvimento histórico:

9 *Discurso do método*, passim.

10 *Esquisse d'un tableau historique des progrès de l'esprit humain* (“Panorama do progresso da mente humana”).

inevitavelmente, como Condorcet e muitos outros pré-progressistas e progressistas acreditavam, e até tentaram provar, que ocorreria, ou de modo planejado, com a condição de que os seres humanos se comportassem racionalmente, isto é, aceitassem a ideologia, o programa e a liderança progressistas.

É o segundo aspecto preditivo que é o atributo mais destacado do progressismo. Há outros que concordam com os progressistas sobre as especificações da sociedade justa, embora nem todos; alguns defenderam, ou defendem ainda, estruturas sociais bem diferentes; e outros não têm nenhum objetivo para a sociedade secular, seja porque seu objetivo não é deste mundo, ou porque achem besteira ter um objetivo social geral. Mas, mesmo entre os não-progressistas com um mesmo objetivo progressista, muitos o considerariam não um objetivo atingível, mas apenas um ideal obscuro, que às vezes pode servir de orientação, ainda que limitada, para a conduta social ou inspiração para o movimento social.

Ou seja: é característico dos progressistas, e talvez de todos os ideólogos, acreditar que existem soluções para os problemas sociais. A maioria dos progressistas e quase todos os seus antepassados intelectuais acreditam que existe uma solução geral para o problema social: que “a sociedade justa” ou uma réplica razoável dela pode, de fato, ser realizada neste mundo. “O progressista do século xx, como seus antepassados do século xviii [...] acredita que homens livres têm capacidade intelectual e recursos morais para superar as forças da injustiça e da tirania”, como Hubert Humphrey reafirmou a tradição em 1959.¹¹

Intelectuais esquerdistas mais sofisticados de nossos dias (Arthur Schlesinger Jr., por exemplo, Sidney Hook ou Charles Frankel) geralmente ocultam o otimismo antiquado na presença dos outros, abandonando a maior parte da metafísica do século xviii e admitindo que o progresso pode não ser “automático” ou “inevitável”. Mas, no final, pela porta dos fundos, se não pela da frente, eles retornam à sua herança. “Manter a visão esquerdista da história”, escreve Frankel,

11 “Six Liberals Define Liberalism”, em *New York Times Magazine*, 19 de abril de 1959, p. 13. Devemos lembrar que o Senador Humphrey foi professor de ciência política antes de se tornar político.

como se julgasse impessoalmente as crenças ingênuas do passado, “significava acreditar no ‘progresso’ e acreditar que o homem poderia melhorar sua condição indefinidamente, aplicando sua inteligência naquilo que ele faz”. Cinco páginas depois, contudo, reitera: “Podemos, em meio ao colapso de nossas esperanças, ainda manter os elementos essenciais da perspectiva esquerdista da história? Acho que podemos”.¹²

Se, por um lado, eles reduzem as probabilidades (“a chance de triunfar, com muito esforço”, como diz o Prof. Frankel) de que a humanidade realize a sociedade justa em geral, por outro continuam acreditando que existe realmente uma solução para cada questão social em particular, mesmo as questões mais difíceis: as questões (os esquerdistas costumam falar em termos de “questões”)¹³ da guerra, do desemprego, da pobreza, da fome, do preconceito, da discriminação, do crime, da doença, do conflito racial, da automação, da explosão demográfica, da revitalização urbana, da recreação, das nações subdesenvolvidas, das mães solteiras, dos cuidados com os idosos, da América Latina, do comunismo mundial etc. “A visão por trás do esquerdismo”, resume o Professor Frankel, nessa perspectiva (mas sem esclarecer por que usa as palavras “por trás”), “é a visão de um mundo que, através do poder humano, é progressivamente redimido de seus males clássicos: a pobreza, a doença e a ignorância”.

“O princípio fundamental da ADA”, proclamava uma declaração de 1962, emitida pela Americanos em Defesa da Ação Democrática, refletindo o pensamento de seus *filósofos*, muitos dos quais também são seus membros, “é a fé no processo democrático, a fé em sua capacidade de encontrar soluções para os problemas que desafiam a sociedade do século xx. *Temos fé de que* [itálico deles], com muito empenho, podemos encontrar soluções para as questões antigas, mas ainda presentes, do [...]”, e em seguida vem uma lista das questões mais comuns. A ADA é apresentada aqui da mesma forma que um livro médico, ao tentar definir esquizofrenia, procuraria se referir a casos clínicos já avançados, e não ao comportamento esquizóide incipiente

12 Frankel, op. cit., pp. 36, 41.

13 O Professor Frankel comenta: “Sendo incisivo, mas preciso, posso dizer que o esquerdismo inventou a idéia de que existem coisas como ‘problemas sociais’” (ibid., p. 33).

ou parcial comum a muitos de nós. Como um grupo fundamentalista de esquerda, a ADA frequentemente coloca essas questões em termos conscientes, explícitos e inequívocos. Mas essa fé na existência de soluções para problemas sociais está presente em todo o espectro progressista, alcançando, inclusive, um grande segmento da faixa que se autodenomina “conservadora”, mas que, na verdade, compartilha muitos dos axiomas esquerdistas subjacentes. Poucos são os editorialistas, colunistas, professores, palestrantes, funcionários eleitos ou nomeados nos Estados Unidos¹⁴ que declaram categoricamente que um dado problema político, econômico ou social pendente não será resolvido, não tem solução. O Professor Oakeshott comenta essa característica do esquerdismo (“racionalismo”, em sua terminologia). “O esquerdista”, diz ele,

não é desprovido de humildade; ele é capaz de imaginar um problema imune à investida de sua própria razão. Mas o que ele não consegue imaginar é uma política que não consista em solucionar problemas, ou um problema político para o qual não há solução “racional”. Esse problema deve ser inventado. E a solução “racional” de qualquer problema é, por definição, a solução perfeita. [...] Certamente, o racionalista nem sempre é um perfeccionista em linhas gerais, pois sua mente é governada, em cada caso, por uma utopia abrangente, mas será, invariavelmente, um perfeccionista nos detalhes.¹⁵

5. A ignorância e as más condições sociais que causam os males do mundo e bloqueiam o progresso são o legado do passado; “o resultado”, diz o Professor Schapiro, “dos erros e injustiças do passado”.¹⁶ Portanto, não há razão para defender idéias, instituições ou condutas simplesmente porque elas foram estabelecidas há muito tempo e nossos ancestrais as aceitaram. Sua ancestralidade, na verdade, é motivo de suspeita. Antes, devemos estar prontos para assegurar inovações

14 Essa fé na solubilidade dos problemas sociais foi tão proeminente e difundida nos Estados Unidos que, no contexto americano, provavelmente deveria ser considerada mais uma característica nacional do que ideológica. Nos discursos, relatórios ou artigos americanos sobre problemas políticos, econômicos ou sociais, um final “positivo” é praxe em quase todos os círculos. Nesse sentido, o Professor Louis Hartz e outros historiadores intelectuais estão quase corretos ao afirmar que “a tradição esquerdista” é a única tradição americana. Na Europa, os conservadores e muitas tendências religiosas nunca tiveram esse otimismo social.

15 Oakeshott, op. cit., p. 5.

16 Schapiro, op. cit., p. 12.

rápidas, e até drásticas e abrangentes, se elas tiverem sido recomendadas do ponto de vista racional e utilitário. Nesse sentido, o esquerdismo é *antitradicional*.

Na verdade, parece-me que a atitude em relação à tradição constitui a maneira mais precisa de distinguir progressistas de conservadores e, de forma mais geral, a esquerda da direita, uma vez que, em termos de mudança, o revolucionário e o reacionário estão somente levando as respectivas atitudes de progressistas e conservadores a seus limites. No artigo da *New York Times Magazine* sobre a definição de “progressismo”, ao qual já me referi, o Senador Humphrey insiste particularmente na “mudança” como o ponto fundamental:

É essa ênfase nas mudanças de fins e meios que mais distingue o progressista de um conservador em uma comunidade democrática. O dicionário define progressista como aquele “favorável à mudança e à reforma, tendendo na direção da democracia”. No léxico político de 1959, os progressistas reconhecem a mudança como a lei inevitável da sociedade e a ação em resposta à mudança como o dever primordial da política.

Podemos colocar a questão da seguinte maneira: o fato de uma idéia, instituição ou conduta específica ter sido estabelecida há algum tempo cria um precedente para sua continuidade? A essa pergunta, um conservador responderá *sim*, com convicção, e um progressista, *não* ou “muito pouco”. Isso não significa que um conservador nunca desejará mudar nada e um progressista sempre desejará mudar tudo. É o niilista revolucionário, não o progressista, que pensa que está tudo errado; e é o reacionário, não o conservador, que não quer alterar nada (a menos, talvez, que seja para voltar ao passado). Em alguns casos, os conservadores podem se convencer da necessidade de mudança do *status quo*, embora o defendam, assim como um progressista, a depender da situação, talvez se contente com deixar as coisas como estão. Mas a diferença de premissas, idéias e tendências entre eles permanece.

Um progressista costuma chamar as inovações que defende de “reformas”, de modo que os progressistas podem ser descritos, em geral, como “reformistas”. “A crença no progresso”, diz o Professor Schapiro, “inspirou os progressistas a se tornarem fervorosos defensores

de reformas de todos os tipos para criar a sociedade justa do futuro. A reforma é a paixão do progressismo”.¹⁷ Nos casos em que conservadores e progressistas concordam com a necessidade de reforma, o conservador desejará que a reforma seja menos extensa e mais gradual do que aquilo que o progressista acredita ser necessário, desejável e possível. Essa diferença é claramente ilustrada pelo atual “problema racial” nos Estados Unidos. Quase todos os conservadores concordam com os progressistas quanto à necessidade de reformas nas relações raciais existentes. Mas os conservadores, em comparação com os progressistas, desejam que o programa de reforma seja mais fragmentado, de modo que, a cada estágio, a ruptura com as condições existentes seja menos acentuada. Na “velocidade calculada” que a Suprema Corte estabeleceu como o ritmo adequado para as mudanças, os conservadores sublinhariam “calculada”, enquanto os progressistas, “velocidade”.

Consideremos outro exemplo mais detalhadamente. No Congresso americano, os presidentes das comissões permanentes são nomeados pelo partido majoritário com base na antigüidade. Embora alguns argumentos racionais possam ser apresentados em favor dessa prática, eles são, de maneira geral, menos convincentes (se julgados estritamente de um ponto de vista abstrato e puramente racional) do que os diversos argumentos que podem ser trazidos contra ela, como já aconteceu muitas vezes. Trata-se, porém, de uma prática ancestral, que, sem ser formalmente debatida ou ponderada, se fixou muito cedo na história do Congresso e também, embora isso raramente seja observado, em todos os outros órgãos legislativos (estaduais e municipais) dos Estados Unidos, fixada como regra, aliás, na maioria dos órgãos legislativos do mundo, em qualquer época, tão logo estejam estabelecidos há alguns anos.

Para a mente conservadora, esse venerável hábito ou costume, que aparece e reaparece em tantos momentos e condições, parece exercer alguma autoridade legítima. Não a deliberação, mas uma longa experiência prática parece ter levado os homens a adotar essas regras de antigüidade e outros procedimentos do mesmo tipo, o que sugere

¹⁷ Schapiro, op. cit., p. 13.

que, a partir da própria experiência prática, os homens gradualmente aprendem certas coisas sobre a realização de assembléias e a criação de leis que não podem ser derivadas somente de princípios, da razão ou de livros. Tanto quanto a experiência prática, o hábito, a aprendizagem e o conhecimento direto parecem ser necessários para a proficiência, assim como para o entendimento genuíno da pintura, da carpintaria, da música e de todas as artes e ofícios (talvez, inclusive, para um entendimento adequado da própria filosofia e das ciências).

No entanto, a maioria dos esquerdistas dentro e fora do Congresso não sente, no que diz respeito à presidência de comitês (que é um ponto fundamental no sistema governamental americano), que tais considerações de experiência, hábito, costume e tradição tenham um peso significativo frente aos argumentos indiscutíveis derivados da teoria democrática e dos objetivos reformistas. E os esquerdistas, sem dúvida, estão corretos ao afirmar que a antigüidade e regras semelhantes nas assembléias legislativas são logicamente contrárias à teoria democrática, constituindo, na prática, freios à rápida realização das principais reformas sociais.

Além disso, os esquerdistas, quando arrebatados pela “paixão” por reformas, como diz o Professor Schapiro, não refletem devidamente a respeito do fato de que nenhuma inovação social ocorre no vácuo. Quando alteramos o item A, especialmente se ele for alterado de maneira deliberada e abrupta, em vez de pela lenta moldagem do tempo, verificamos que os itens B e C também se alteram e, até certo ponto, todo o cenário social, às vezes de maneiras inesperadas. Podemos ser bem-sucedidos em nossa reforma, mas haverá, também, mudanças imprevistas e talvez indesejadas, e inevitavelmente se perderá algo (no mínimo, aquilo que a reforma veio substituir, de modo que a perda líquida pode mais do que contrabalançar o ganho na escala do progresso).

No caso que estamos considerando, e mesmo em geral, essa possibilidade não preocupa muito o esquerdista, porque ele terá tomado sua decisão sobre a conveniência da reforma com base em sua ideologia (que compreende um conjunto predefinido de objetivos desejáveis) e não na observação demorada, meticulosa e bastante prosaica

do verdadeiro modo de funcionamento de assembléias ou do que quer que seja. Assim, em todas as sessões do Congresso nessas décadas recentes, desde que o esquerdismo se tornou uma influência generalizada, há propostas para abolir a antigüidade e regras não-democráticas relacionadas. A esse respeito, é revelador notar que, apesar do clima de opinião progressista predominante nos Estados Unidos, as inovações esquerdistas avançaram lentamente no Congresso: um fato que confirma o julgamento progressista e a condenação do Congresso como a mais conservadora de nossas instituições políticas nacionais.

A atitude progressista em relação à tradição e à mudança pode ser ilustrada em todas as esferas da vida social e em milhares de questões, que vão do divórcio ao Peace Corps, do patriotismo ao currículo escolar. Bertrand Russell, um dos profetas do progressismo do século xx, embora um tanto excêntrico, expressa isso de maneira abrangente em seu livro *Why Men Fight*. A tarefa da educação, diz ele, não deve ser sustentar, mas destruir o “contentamento com o *status quo*. [...] Deveria inspirar-se, não em um pesaroso anseio pelas belezas extintas da Grécia e do Renascimento, mas em uma visão brilhante da sociedade que está por vir, dos triunfos que o pensamento [ou a razão, no sentido que demos ao termo] alcançará nos tempos vindouros”.¹⁸ John Stuart Mill não foi menos categórico em seu ensaio mais influente, *Sobre a liberdade*:

O despotismo do costume é, em todo lugar, o obstáculo permanente ao progresso humano, sendo o grande antagonista à disposição de visar algo melhor do que o habitual, chamado, de acordo com as circunstâncias, de espírito da liberdade, progresso ou melhoria. [...] No entanto, qualquer forma de princípio progressista, seja o amor à liberdade ou o amor à melhoria, é antagônica ao domínio do costume, envolvendo, pelo menos, a libertação desse jugo, e a disputa entre os dois constitui o principal interesse da história da humanidade.¹⁹

18 Citação de *Selected Papers of Bertrand Russell*, Nova York: The Modern Library, 1927, pp. 99, 110.

19 John Stuart Mill, *Sobre a liberdade*. Citação da edição de *Essential Works of John Stuart Mill*, da Bantam Books, editado e prefaciado por Max Lerner, Nova York, 1961, p. 318.

